

A construção de um modelo aberto de narrativa biográfica para estudantes de Jornalismo: os caminhos da pesquisa-intervenção em sala de aula

The construction of an open model of biographical narrative for Journalism students: the ways of intervention-research in classroom

Revista Brasileira de Ensino de Jornalismo



MARCELO BOLSHAW GOMES¹

KASSANDRA MERIELLI LOPES LIMA²

RESUMO

O objetivo deste relato de experiência é apresentar um modelo aplicado em sala de aula que teve como propósito investigar como uma turma de estudantes de Jornalismo da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN) aprende a fazer entrevistas. Com esse fim, empreendemos uma pesquisa-intervenção com 40 discentes da disciplina de *Sociologia da Comunicação* da UFRN aplicando o que chamamos de *Modelo Aberto de Narrativas Biográficas para o Jornalismo*. A pesquisa-intervenção, através do método cartográfico, teve como principais resultados o aperfeiçoamento do modelo e da capacidade interpretativa dos entrevistadores. Para isso, buscamos o aporte teórico em Martín-Barbero (1997), Martinez (2008) e Gomes (2008). Além do detalhamento do modelo, propomos também uma breve análise descritiva a partir daquilo que foi obtido com a produção de dados.

PALAVRAS-CHAVE

Narrativa biográfica. Pesquisa-intervenção. Jornalismo. Educação.

ABSTRACT

The aim of this experience report is to show a model applied in classroom that has purposed to research like a Journalism's students classroom of Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN) learns to make interviews. In this intention, we made a intervention research with 40 students in *Sociology of Communication's* class of UFRN where we applied what we called of *Open Model of Biographical Narratives for Journalism*. The intervention research, through cartographic method, had the mains results model's improvement and interviewers' interpretive ability. For this, we based on theory by Martín-Barbero (1997), Martinez (2008) and Gomes (2008). Besides the details of the model, we purpose a descriptive compact analyze of dados production.

KEYWORDS

Biographical narrative. Intervention research. Journalism. Education.

Recebido em: 29/09/2017. Aceito em: 30/11/2017.

¹ Doutor e mestre em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Bacharel em Jornalismo pela Faculdade de Comunicação e Turismo Helio Alonso. Professor do Departamento de Jornalismo da UFRN. E-mail: marcelobolshaw@gmail.com. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4277715352803619>.

² Mestranda em Estudos da Mídia na Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Especialista em Comunicação e Marketing em Mídias Digitais pela Universidade Estácio de Sá. Bacharel em Jornalismo pela UFRN. E-mail: kassandramlopes@gmail.com. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7049940755823944>.

A construção de um modelo aberto de narrativa biográfica para estudantes de Jornalismo: os caminhos da pesquisa-intervenção em sala de aula

1 INTRODUÇÃO

Como as identidades narrativas de narrador e narrado se permutam na construção de narrativas biográficas? Para responder a essa pergunta e observar o processo de aprendizado do outro através de entrevistas biográficas, investigamos como uma turma de estudantes de Jornalismo aprende a fazer entrevistas. Dessa forma, empreendemos a aplicação de um modelo que chamamos de *Modelo Aberto de Narrativas Biográficas para o Jornalismo*, com 40 discentes da turma de *Sociologia da Comunicação* do Departamento de Jornalismo da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Neste relato de experiência, detalharemos cada fase de construção desse modelo e os resultados posteriores de sua aplicação em sala de aula.

Veiculada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos da Mídia (Ppgem/UFRN), a pesquisa intitulada *Perfis em rede: a narrativa biográfica como ferramenta de aprendizagem com estudantes de Jornalismo* conta com a colaboração do professor titular da disciplina e orientador deste trabalho que cedeu para a mestranda o plano de sala de aula para o desenvolvimento da proposta apresentada neste relato de experiência. Na época, a pesquisadora cumpria também o estágio de iniciação à docência na turma, após a conclusão do curso de iniciação à docência ofertado pela Pró-reitoria de Pós-Graduação da UFRN (Ppg/UFRN).

A atividade aconteceu dentro do cronograma de aulas da disciplina de *Sociologia da Comunicação*, sendo considerada como item avaliativo com notas na segunda unidade. Entre os dias 10 de outubro e 7 de novembro de 2016, a docente assistida empreendeu a aplicação do *Modelo Aberto* que consiste em três fases: Fase 1- Mapa de contexto social; Fase 2- Mapa de interação; Fase 3- O encontro dialógico. Para a construção do modelo, buscamos aporte teórico em Martín-Barbero (1997), Martinez (2008) e Gomes (2008). Por fim, os estudantes editaram os textos de acordo com as categorias elencadas por Lima (2014) a partir do projeto digital *Humans of New York*.

Dessa forma, para a realização da atividade foi proposta como metodologia a pesquisa-intervenção, através do método cartográfico, utilizando assim as pistas da pesquisa-intervenção em Passos, Kastrup e Escóssia (2009).

Por fim, apresentamos neste relato de experiência uma análise preliminar da aplicação do *Modelo Aberto* em sala de aula, diante de uma perspectiva descritiva e objetiva.

2 OS CAMINHOS DA PESQUISA-INTERVENÇÃO EM SALA DE AULA

A pesquisa *Perfis em rede: a narrativa biográfica como ferramenta de aprendizagem com estudantes de Jornalismo* é uma pesquisa-intervenção, que faz uso do método cartográfico, para levar estudantes de Jornalismo à reflexão sobre um novo dispositivo de feitura das histórias de vida reais e anônimas, que chamamos de *Modelo Aberto de Narrativas Biográficas para o Jornalismo*. A aplicação das três fases do modelo durou pouco mais de um mês, porém a produção de dados foi desenvolvida durante todo o semestre em que a pesquisadora esteve em sala de aula como docente assistida.

Formulado por Gilles Deleuze e Félix Guatarri (1995), o método cartográfico consiste em acompanhar processos muito mais do que representar objetos. Logo, a pesquisa-intervenção ascende processos através do método cartográfico. O papel do cartógrafo no plano em análise é o de “descrever, intervir e criar efeitos-subjetividades.” (PASSOS; KASTRUP; ESCÓSSIA, 2009, p. 27). Sendo assim, o percurso observado por esta pesquisa propõe-se: a) descrever o cenário do ensino-aprendizagem da narrativa biográfica na sala de aula de Jornalismo; b) intervir com auxílio de um *Modelo Aberto de Narrativas Biográficas para o Jornalismo*; c) criar efeitos-subjetividades após a aplicação do modelo sensibilizando os alunos com relação às identidades permutadas no processo de tessitura da trama narrativa.

Passos, Kastrup e Escóssia (2009), em uma coletânea de artigos, indicam algumas pistas da pesquisa-intervenção, sendo perceptíveis no contexto da pesquisa: 1. O método cartográfico; 2. O funcionamento da atenção do cartógrafo; 3. A representação dos processos; 4. A utilização do diário de campo; 5. Os movimentos-funções do dispositivo na prática; 6. O coletivo de forças; 7. A dissolução do ponto de vista do observador; 8. A habitação de um território existencial; 9. A política da narratividade.

A construção de um modelo aberto de narrativa biográfica para estudantes de Jornalismo: os caminhos da pesquisa-intervenção em sala de aula

O método cartográfico busca ser traçado sem determinações prévias, propondo ascender a experiência da pesquisa dentro dela mesma, que no caso de *Perfis em rede* acontece entre pares: pesquisador e pesquisado, entrevistador e entrevistado, professor e estudante, jornalista e fonte. “Os grupos, as instituições e as organizações são redes de interações, isto é, relações entre relações. O método é, então, a cartografia do intermediário.” (PASSOS; KASTRUP; ESCÓSSIA, 2009. p. 28). A noção de intermediário se completa com o entendimento de mediação proposto no interior da constituição do *Modelo Aberto* a partir de Martín-Barbero (1997). O intermediário é aquilo que está no meio do processo comunicacional, a ligação entre emissor e receptor, ou seja, os espaços de ressignificação da mensagem – as mediações.

A atenção do cartógrafo é outro aspecto importante no plano da pesquisa-intervenção. “É no trabalho operado pela atenção que podemos identificar mais incisivamente a produção de dados de uma pesquisa e a dimensão construtivista do conhecimento.” (PASSOS; KASTRUP; ESCÓSSIA, 2009, p. 40). Passos, Kastrup e Escóssia continuam elencando quatro variedades da atenção do cartógrafo, sendo: 1. Rastreio, que é o gesto de varredura do campo; 2. Toque, que aciona em primeira mão o processo de seleção; 3. Pousar, como uma espécie de zoom sobre o plano analisado; e 4. Reconhecimento atento, que reconduz ao objeto para destacar seus contornos.

A aposta da cartografia não é representar objetos, mas acompanhar processos. Durante a experiência da pesquisa-intervenção é papel do cartógrafo buscar mecanismos de inserção do grupo na atividade proposta. Na pesquisa *Perfis em rede*, o valor de manutenção da turma de Jornalismo estava inicialmente atrelado às notas de cada fase do *Modelo Aberto*. Durante o processo, a maior parte dos alunos vislumbrou o cumprimento da atividade além das notas. Porém, outros estudantes evadiram das atividades estabelecidas, percebendo-se assim a necessidade de extensão dos prazos em alguns momentos, como também, uma maior flexibilidade na aplicação de cada fase do modelo.

Outra pista do método cartográfico são os movimentos-funções dos dispositivos na prática. Passos, Kastrup e Escóssia (2009, p. 90) entendem dispositivo como aquilo que “tenciona, movimenta, desloca para o outro lugar, provoca outros agenciamentos.” Os autores continuam dizendo que “trabalhar com dispositivos implica-nos, portanto, com um processo de acompanhamento de seus efeitos, não bastando apenas pô-lo a funcionar.” (PASSOS; KASTRUP; ESCÓSSIA, 2009, p. 79).

O conceito de coletivo também recebe outra conotação no método cartográfico, sendo caracterizado como “o plano das forças também definido como plano de consistência ou de imanência (Deluze e Parnet, 1998) ou, ainda, plano do instituinte (Lourau, 1995).” (PASSOS; KASTRUP; ESCÓSSIA, 2009, p. 95). Os cartógrafos optam por trabalhar com o sentido de ‘plano’, ao invés de ‘campo’. A explicação está naquilo que apresentam Passos, Kastrup e Escóssia (2009, p. 20), uma vez que “o trabalho de análise/intervenção desestabiliza a própria noção de campo, já que modula seus limites e configurações.”

O ponto de vista do observador é outra perspectiva do método cartográfico, em que o pesquisador é atravessado “por múltiplas vozes que perpassam um processo, sem adotar nenhuma como sendo a própria ou definitiva conjurando o que cada uma delas há de separatividade, historicidade e fechamento tanto ao coletivo quanto ao seu processo de constituição.” (PASSOS; KASTRUP; ESCÓSSIA, 2009, p. 116). Para os autores (2009, p. 129), o posicionamento do cartógrafo é equidistante, “para realizar sua tarefa não pode estar localizado na posição de observador distante, nem pode localizar seu objeto como coisa idêntica a si mesma.”

A pesquisa-intervenção está atrelada ainda há um território existencial. Nesse sentido, o método cartográfico considera que “conhecer não é tão somente representar o objeto ou processar informações acerca de um mundo supostamente já constituído, mas pressupõe implicar-se com o mundo, comprometer-se com sua produção.” (PASSOS; KASTRUP; ESCÓSSIA, 2009, p. 131).

Por fim, passamos para a política de narratividade. O objeto primário da pesquisa *Perfis em rede* é a narrativa, que não compreendemos apenas como texto, contudo como uma maneira constitutiva e construída de ser e ensinar o

A construção de um modelo aberto de narrativa biográfica para estudantes de Jornalismo:

os caminhos da pesquisa-intervenção em sala de aula

que se é. Conduzir a pesquisa Perfis em rede através do método cartográfico é possibilitar também caminhar pela filosofia hermenêutica motivadora desta atividade, como colocam Passos, Kastrup e Escóssia:

Toda experiência cartográfica acompanha processos, mais do que representa estados de coisa; intervém na realidade, mais do que a interpreta; monta dispositivos, mais do que atribui a eles qualquer natureza; dissolve o ponto de vista dos observadores, mais do que centraliza o conhecimento em uma perspectiva identitária e pessoal. O método da cartografia implica também a aposta ético-política em um modo de dizer que expresse processos de mudança de si e do mundo. (2009, p. 169-170).

Salientamos também que a proposta da pesquisa-intervenção adentra no 'primado da experiência', que é feito a convite da própria pesquisadora aos estudantes da turma de *Sociologia da Comunicação*. Por essa forma, o plano de análise e o plano de intervenção se distinguem, mas não se separam. "A análise aqui se faz sem distanciamento, já que está mergulhado na experiência coletiva em que todos estão implicados." (PASSOS; KASTRUP; ESCÓSSIA, 2009, p. 19).

322 |

3 A CONSTRUÇÃO DE UM MODELO ABERTO DE NARRATIVAS BIOGRÁFICAS PARA O JORNALISMO

Com a finalidade de investigar as zonas de permutação ocorridas entre narrador e narrado na narrativa biográfica, a partir da questão-problema '*Como as identidades narrativas de narrador e narrado se permutam na construção de narrativas biográficas no Jornalismo?*', buscamos mecanismos metodológicos que auxiliassem no entendimento dessa resposta. Por isso, propomos uma pesquisa-intervenção realizada em sala de aula para aplicação de um *Modelo Aberto de Narrativas Biográficas para o Jornalismo* com 40 discentes da turma do segundo período de Jornalismo da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, no período de 10 de outubro a 7 de novembro de 2016.

A produção de dados da pesquisa intervenção foi colhida no segundo semestre de 2016, quando a docente assistida esteve em sala de aula. Ao todo participaram da pesquisa 35 do total de 40 alunos matriculados na pesquisa. As fases da pesquisa intervenção entraram como notas da segunda unidade da

disciplina de *Sociologia da Comunicação* e os alunos também foram orientados a apresentar um Termo de Uso e Autorização de Imagem aos entrevistados aplicados ao modelo.

Dessa forma, estão assim organizadas as fases do *Modelo Aberto*:

Fase 1- Mapa de contexto social – com a realização de uma pré-entrevista a partir dos eixos de mediação de Martín-Barbero (1997) e com base na entrevista biográfica em Gomes (2008); Fase 2- Mapa de interação – com a aplicação de um formulário de autoavaliação pelos alunos com base na entrevista biográfica em Gomes (2008); Fase 3- O encontro dialógico – com a entrevista final após a sensibilização através dos estudos dos setênios. Diante de cada fase foram propostos aos alunos os cumprimentos das atividades de acordo com as seguintes datas:

QUADRO 1 – FASES DO MODELO ABERTO DE NARRATIVAS BIOGRÁFICAS PARA O JORNALISMO

Fase 1- Mapa de contexto social	Fase 2- Mapa de interação	Fase 3- O encontro dialógico	Texto final- Edição por <i>Humans of New York</i>
10/10/2016	17/10/2016	31/10/2016	07/11/2016

Fonte: Os autores.

Na Fase 1, intitulada Mapa de contexto social, os eixos de mediação de Martín-Barbero (1997) foram utilizados como base para a construção de uma pré-entrevista constituída de três perguntas, a partir dos eixos classificados pelo autor como: cotidianidade familiar, atemporalidade social e competência cultural. Martín-Barbero (1997), diante dos estudos das mediações, inaugura um novo campo de pesquisa, não mais centralizado na emissão ou recepção, porém voltado a investigar os espaços de ressignificação da mensagem. Observar o processo comunicacional a partir das interferências das instituições, dos grupos e da própria mídia tornou-se o ponto de partida para compreender também a trajetória de construção da narrativa biográfica no Jornalismo. Gomes ressalta a importância da contextualização na pesquisa biográfica:

Esta exigência de um enquadramento realista do indivíduo na sociedade torna-se ainda maior e mais complexa quando se trata de uma autobiografia, em que a subjetividade do sujeito pesquisador é a mesma que a do objeto pesquisado. Quando a pesquisa torna-se sujeito, verbo e objeto do discurso, quando a investigação sobre a vida se confunde com a própria vida, é preciso definir parâmetros para

A construção de um modelo aberto de narrativa biográfica para estudantes de Jornalismo:

os caminhos da pesquisa-intervenção em sala de aula

manter alguma objetividade. Assim, o primeiro passo da pesquisa biográfica é contextualizar a vida individual estudada em relação aos diferentes cenários em que está inserido. (GOMES, 2008, p. 2).

Partindo da premissa da contextualização, os estudantes empreenderam na primeira fase do *Modelo Aberto* uma pré-entrevista condicionada a três questões. A restrição do número de perguntas possibilitaria ao grupo não esgotar a entrevista no primeiro encontro, permitindo assim o segundo encontro com a realização do encontro dialógico.

Sobre o aspecto da cotidianidade familiar, Martín-Barbero (1997, p. 293) refere-se como “âmbito de conflitos e fortes tensões, a cotidianidade familiar é ao mesmo tempo um dos poucos lugares onde os indivíduos se confrontam como pessoas e onde encontram alguma possibilidade de manifestar suas ânsias e frustrações.” Sendo assim, ao elaborar a primeira pergunta buscamos informações primárias sobre a relação familiar. Dessa forma, chegamos à questão um da primeira fase: ‘Como é sua relação com seus familiares?’.

324

Já na segunda questão, investigando a temporalidade social, a pergunta foi formulada tendo como propósito conhecer o que o entrevistado faz no tempo produtivo. O eixo de mediação da temporalidade social confunde-se com o tempo cotidiano, que não está articulado apenas com o relógio, como também, como tempo de cada coisa. “Visto a partir da televisão, o tempo do ócio encobre e desvela a forma do tempo do trabalho: o fragmento e a série.” (MARTÍN-BARBERO, 1997, p. 296). Para essa mediação, chegamos à questão dois, que é: ‘Como foi a escolha da sua profissão/curso/atividade profissional?’.

Por fim, o último questionamento, em vista da competência cultural, interessava-se por perspectivas como lazeres, sonhos, planos, viagens. Na obra *Dos meios às mediações*, Martín-Barbero (1997) tece análises sobre o papel da televisão na cultura de massa e a essa mediação. Diante dessa avaliação, obtivemos a terceira pergunta da primeira fase do *Modelo Aberto de Narrativas Biográficas*, que ficou estruturada da seguinte forma: ‘O que você faz para construir um mundo melhor?’. De caráter mais subjetivo, a terceira questão abre um arcabouço de possibilidades para o diálogo possível que será adiado, já que a proposta inicial da primeira fase é realizar uma pré-entrevista.

Dessa forma, as perguntas da Fase 1 do Mapa de contexto social foram assim organizadas:

QUADRO 2 – FASE 1 DO MODELO ABERTO DE CONSTRUÇÃO DE NARRATIVAS BIOGRÁFICAS PARA O JORNALISMO

Fase 1- Mapa de contexto social (10/10/2016)
Questão 1: 'Como é sua relação com seus familiares?' (Cotidianidade familiar)
Questão 2: 'Como foi a escolha da sua profissão/curso/atividade profissional?' (Temporalidade social)
Questão 3: 'O que você faz para construir um mundo melhor?' (Competência cultural)

Fonte: Os autores.

Na segunda fase, com o Mapa de interação (relação entrevistador-entrevistado), os estudantes foram submetidos a uma autoavaliação a partir de competências apontadas na entrevista biográfica de GOMES (2008, p. 3), que indicam duas experiências subjetivas na composição da narrativa biográfica: a subjetividade e a intersubjetividade. Na construção da segunda fase do modelo, classificado aqui como Mapa de interação, é discutido o "processo de projeção analógica de semelhanças e diferenças culturais entre o Pesquisador e o Biografado." (GOMES, 2008, p. 3).

A segunda fase para a construção de narrativas biográficas constitui-se com a aplicação de um formulário autoavaliativo. A autoavaliação antecede a entrevista final possibilitando uma análise prévia por parte do entrevistador sobre a sua condução narrativa. Sendo assim, essa é a fase que acreditamos ser reveladora para a resolução da questão-problema da pesquisa.

A autoavaliação segue como uma fase fundamental do *Modelo Aberto* por possibilitar que o narrador encontre as motivações pessoais e profissionais que o levaram a escolha voluntária do narrado. Dessa forma, espera-se nessa fase que os alunos tomem consciência de si enquanto narradores para que a narrativa biográfica seja tecida diante do construto social formado por um par: entrevistador e entrevistado. Sobre essa etapa, Maia faz considerações sobre o método da história oral para o jornalismo:

O jornalista deverá (re)pensar-se nesse processo, pois é importante que ele reconheça que existe um "outro", que pode pensar diferente,

A construção de um modelo aberto de narrativa biográfica para estudantes de Jornalismo:

os caminhos da pesquisa-intervenção em sala de aula

que pode ter contribuições divergentes da maioria, que pode fugir da visão dualista do certo e do errado e levantar questões diferentes das que estão em pauta, mesmo levando-se em consideração os limites de sua atuação. Se o repórter não consegue tentar entender quem é o outro nesse processo, corre o risco de tornar-se um ser "asséptico", desprovido de sua própria humanidade. (2006, p. 143).

Gomes (2008) no percurso da entrevista biográfica também indica fases como: o contexto social, as relações dialógicas, a análise por setênio e a entrevista-performace. As perguntas da autoavaliação tiveram como base as relações dialógicas indicadas por Gomes na entrevista biográfica. Sobre essas relações, o autor explica:

O discurso analítico sobre o Outro é também uma compreensão pessoal de Si mesmo. Assim o segundo passo da pesquisa biográfica aqui proposta é observar as relações da subjetividade do Pesquisador com a subjetividade do Biografado. Entre as várias técnicas dialógicas e esquemas de entrevistas para pensar a situação de transferência e contra-transferências analíticas, há um diagrama simples de organização destas relações. (2008, p. 3).

326 |

O modelo de Gomes (2008, p. 3-4) indica quatro relações dialógicas: interseção, contradição, contraste e ambientação. A interseção "se delimita o universo temático da pesquisa, a interseção cultural entre Pesquisador e Biografado." A contradição está contida "nas diferenças e semelhanças 'internas', há uma pergunta a ser respondida, um conflito a ser mediado." O contraste "se especifica o que fica no 'fundo' em relação à figura de um retrato." Por fim, a ambientação, em que se pode questionar 'Qual a importância desta biografia em nossa vida (na vida do pesquisador e na do seu leitor)?'.

Os estudantes responderam, no dia 17 de outubro de 2016, às seguintes questões com base nas competências indicadas por Gomes (2008): 'Por que você escolheu esse entrevistado?' (interseção – delimitação do universo da pesquisa); 'O que torna esse perfil diferente dos demais feitos por você?' (contradição – diferenças e semelhanças internas entre narrador e narrado); 'Você encontrou dificuldades para sintetizar o perfil do entrevistado em uma única temática?' (contraste – o que fica no 'fundo'); e 'Qual foi a importância dessa biografia para a sua vida?' (ambientação – a ideia de metáfora). No Quadro 3 é possível visualizar as questões:

QUADRO 3 – FASE 2 DO MODELO ABERTO DE CONSTRUÇÃO DE NARRATIVAS BIOGRÁFICAS PARA O JORNALISMO

Fase 2- Mapa de interação (17/10/2016)	
Questões	Competências da entrevista biográfica (GOMES, 2008, p.3)
Questão 1: 'Por que você escolheu esse entrevistado?'	Interseção (delimitação do universo da pesquisa)
Questão 2: 'O que torna esse perfil diferente dos demais feitos por você?'	Contradição (diferenças e semelhanças internas entre narrador e narrado)
Questão 3: 'Você encontrou dificuldades para sintetizar o perfil do entrevistado em uma única temática?'	Contraste (o que fica no 'fundo')
Questão 4: 'Qual foi a importância dessa biografia para a sua vida?'	Ambientação (a ideia de metáfora)

Fonte: Os autores.

Já na terceira etapa do modelo, com o Mapa de construção, os estudantes foram sensibilizados com o método da biografia humana através do estudo dos setênios de Gudrun Burkhard. Martinez detalha:

O método da Biografia Humana, introduzida no Brasil em 1976 por Gudrun Burkhard (2000, p.13). A médica brasileira é especialista em antroposofia, idealizada no início do século passado pelo filósofo austríaco Rudolf Steiner, a qual visa ampliar o conhecimento do ser humano e do universo obtido pelo método científico convencional. (2008, p. 146).

327

Ao todo são nove crises, cada uma estabelecida por sete anos de diferença, sendo organizadas dessa forma: 0-21 anos: a fase de formação com a crise de socialização (0-7), a crise de identidade (8-14) e a crise de sexualidade (15-21). 22-42: a fase de plenitude com a alma da sensação (21-28), a alma do intelecto (29-35) e a alma da consciência (36-42). 43-63: declínio biológico com a segunda crise de sexualidade (43-49), a segunda crise de identidade (50-56) e a segunda crise de socialização (57-63). Como é possível ver no quadro a seguir:

QUADRO 4 – FASES DOS SETÊNIOS DE GUDRUN BURKHARD ORGANIZADAS POR GOMES (2008)

FASE	SETÊNIO
FORMAÇÃO (0-21)	0-7
	8-14
	15-21
PLENITUDE (22-42)	21-28
	29-35
	36-42
DECLÍNIO BIOLÓGICO (43-63)	43-49
	50-56

A construção de um modelo aberto de narrativa biográfica para estudantes de Jornalismo: os caminhos da pesquisa-intervenção em sala de aula

57-63

Fonte: Gomes (2008, p. 6).

O método dos setênios é bastante utilizado nas pesquisas sobre biografias, como também, utilizado em práticas pedagógicas. A sucessão de crises traz clareza ao entrevistador da complexidade de etapas que uma história de vida é constituída e o auxilia a não cair nas questões clichês de uma entrevista biográfica. Martinez ressalta:

Na biografia humana existem leis gerais de desenvolvimento para cada fase da vida, e durante o trabalho biográfico cada um identifica, em sua vida, elementos semelhantes aos de outras pessoas da mesma idade ou fase, mesmo aqueles tão peculiares e que têm a ver com o destino de cada um. Saber discernir o que é próprio da idade e o que é só seu, bem individual, assim como o que é repetitivo, é importante para o autoconhecimento. (BURKHARD, 2000, p. 20 apud MARTINEZ, 2008, p. 147).

328

Dessa forma, os alunos foram sensibilizados com o método dos setênios em sala de aula com auxílio das sugestões de perguntas elencadas por Martinez (2008) para cada uma das nove fases. O roteiro de questões proposto pela autora tem como base os escritos de Burkhard e também foi utilizado com o objetivo de “aprofundar a compreensão dos conflitos da história de vida em construção.” (MARTINEZ, 2008, p. 148).

Na Fase 3 do mapa, com auxílio do método dos setênios, cada estudante, a partir das questões de Martinez (2008), montou o próprio roteiro de perguntas para a narrativa biográfica escolhida por ele e de acordo ainda com as perguntas e respostas já fornecidas durante a pré-entrevista. Ao final da atividade, cada um deles apresentou o material à estagiária docente e o roteiro de perguntas foi usado na entrevista final.

O método dos setênios é utilizado também por Martinez (2008) na *Estrutura narrativa mítica na construção de histórias de vida no Jornalismo*, modelo criado pela autora para narração de histórias de vida para o jornalismo, a partir da *Jornada do herói* de Joseph Campbell e das observações do professor Edvaldo Perreira Lima. Dessa forma, empreendemos também na pesquisa *Perfis em rede* o percurso orientado por Martinez ao utilizar o método dos setênios:

Nos tratamentos terapêuticos, o conhecimento de que existem eventos compartilhados pelos seres humanos tem a função de conscientizar o indivíduo de que suas crises são “situações passageiras, iguais a de muitas pessoas das quais sabemos que, passando aquela fase da vida melhoram por si”. Já a aplicação deste método como complementação da Jornada do Herói visa a aprofundar a compreensão dos conflitos da história de vida em construção. Permite também entender a trajetória de forma integral, uma vez que os eventos são vistos como parte de um conjunto. (2008, p. 148).

O método dos setênios pode ainda ser apontado como o início da entrevista final, já que é também o momento em que o entrevistador, no caso desta pesquisa o próprio estudante de Jornalismo, formaliza o começo do encontro dialógico ao se preparar para a entrevista biográfica. Martinez (2008, p. 146) observa ainda que a aplicação do método em sala de aula auxilia os estudantes de Jornalismo nas entrevistas, já que havia “evidente dificuldade que os jovens tinham para compreender a trajetória de pessoas com idade muito inferior ou muito superior às suas.”

Percorrendo o caminho teórico de Medina (2001), buscamos ainda na terceira fase do *Modelo Aberto de Narrativas Biográficas para o Jornalismo* promover o encontro do estudante com o entrevistado. No que a autora define como o diálogo possível, em que os pares saem diferentes e alterados, ou seja, “elucidou-se determinada autocompreensão ou compreensão do mundo. Ou seja, realizou-se o Diálogo Possível” (MEDINA, 2001, p. 7). Apontamos a Fase 2 do Mapa de interação como fundamental para se chegar ao encontro dialógico.

Em seguida, na última etapa da terceira fase do Modelo, os estudantes fizeram a entrevista em definitivo que pôde ter sido gravada com auxílio de dispositivos móveis ou gravadores eletrônicos. A entrega da atividade nesta etapa consistiu no roteiro de perguntas e respostas da entrevista final.

Por fim, os alunos puderam editar as entrevistas conforme o modelo de *Humans of New York* (HONY). Fundado em 2010, o projeto HONY foi idealizado pelo fotógrafo norte-americano Brandon Stanton e consiste em narrativas biográficas digitais de anônimos da cidade de Nova York. Atualmente,³ a página no *Facebook* possui mais de 18 milhões de seguidores. Em trabalho de

³ Dado de 4 de novembro de 2017.

A construção de um modelo aberto de narrativa biográfica para estudantes de Jornalismo:

os caminhos da pesquisa-intervenção em sala de aula

conclusão de curso, Lima (2014) catalogou e analisou 24 destas narrativas, durante o espaço temporal de 1 de janeiro a 25 de fevereiro de 2014, chegando assim a três variações do modelo narrativo, que são: combinação entre diálogo e imagem; combinação entre opinião e imagem; e, por fim, combinação entre fala e imagem.

Lima (2014, p. 7) define, no primeiro tipo, que “a voz de Stanton é utilizada como parte do relato pessoal. As perguntas são motivadoras de respostas por parte dos entrevistados que constroem juntamente com o autor do projeto o texto social.” Já no segundo tipo, numericamente maior do que os outros tipos, “apenas a voz aspada do entrevistado é colocada como texto.” (LIMA, 2014, p. 9). Por fim, o terceiro tipo em que “diferente dos outros dois tipos, a micronarrativa construída apenas com a fala do fotógrafo, só se faz compreensível com a análise da imagem.” (LIMA, 2014, p. 10).

Escosteguy, a partir dos estudos culturais, conceitua um novo tipo de prática social, chamada por ela de “narrativas pessoais midiaticizadas”. Os atores sociais enunciam suas próprias vozes, apagando assim as fronteiras entre emissão e recepção, como também, diluindo o papel da mídia que passa a ser cada vez mais atuante na vida cotidiana:

Essas histórias pessoais estão, hoje, espalhadas em distintas mídias – massiva e digital – e são apresentadas mediante distintas estratégias narrativas – diários, autobiografias, memórias, depoimentos, testemunhos. Todas elas são relatos personalizados, onde tanto a “realidade” pode ser narrada diretamente pelos atores sociais envolvidos em sua própria história de vida quanto pode ser narrada por um terceiro que, obrigatoriamente, conta com o testemunho do sujeito da história que é posta em circulação. O que esses relatos têm em comum, a exemplo das histórias orais, é o fato de que ao contar “uma história”, tornam-se um modo de conhecer ou acessar o mundo e, assim, “as narrativas pessoais podem ser consideradas não como um reflexo da vida, mas como uma forma de construí-la” (Finnegan, 1997, p. 75). (ESCOSTEGUY, 2011, p. 206-207).

Pontuamos, então, a partir deste relato de experiência que a edição das narrativas por *Humans of New York* acontece tanto em virtude da pesquisa empreendida anteriormente pela autora da pesquisa *Perfis em rede*, como também por ser possível encontrar espaço para HONY na classificação das narrativas pessoais midiaticizadas citadas por Escosteguy. Dessa forma, busca-se

estimular os alunos na confecção de um relato próprio à ambiência digital já que a disposição final do projeto encontra-se em *Perfis em rede*.

Dessa forma, o modelo foi apresentado à turma, tendo como objetivo proporcionar a posterior publicação das narrativas finais em um site que foi produzido com a intenção de expor a experiência em sala de aula a partir do *Modelo Aberto de Narrativas Biográficas para o Jornalismo*. Os alunos puderam escolher uma das três formas de edição do projeto e tiveram até o dia 7 de novembro para entregar as narrativas finais. No último encontro proporcionado pela atividade, os estudantes também tiveram a oportunidade de apresentar para os demais alunos o percurso de construção das narrativas, fato que também ficou registrado nos relatos de experiência entregues por cada um juntamente com o texto final.

4 ANÁLISE INICIAL: A PERSPECTIVA OBJETIVA DE APLICAÇÃO DO MODELO

Os alunos foram sensibilizados com a pesquisa desde o primeiro dia de aula da disciplina de *Sociologia da Comunicação*, estando também no calendário de atividades da disciplina aulas expositivas sobre os conteúdos de narrativa, biografia e modelos narrativos semelhantes ao aplicado pela pesquisa em sala de aula.

Dos 40 discentes, realizaram completamente a atividade, ou seja, todas as fases do *Modelo Aberto*, o total de 30 alunos da turma de *Sociologia da Comunicação* do curso de Jornalismo da UFRN. As fases de cada atividade puderam ser entregues de três formas: através do Sistema Integrado de Gestão de Atividades Acadêmicas (Sigaa), por e-mail ou ainda impressas. Porém, boa parte dos estudantes preferiu fazer por meio eletrônico. Com exceção da terceira fase, em que obrigatoriamente, precisou ser enviada de modo digital.

Sendo assim, em números, as fases foram realizadas da seguinte forma pela turma: 33 alunos fizeram a Fase 1 do Mapa de contexto social; 34 realizaram a atividade da Fase 2 do Mapa de interação; 33 conseguiram fazer a Fase 3 do encontro dialógico; e, por fim, 29 entregaram a versão final do texto. Além de cada fase do *Mapa Aberto*, os alunos foram motivados a entregar

A construção de um modelo aberto de narrativa biográfica para estudantes de Jornalismo:

os caminhos da pesquisa-intervenção em sala de aula

juntamente com a versão final do texto um relato de experiência explicando o percurso de produção da atividade.

A escolha dos entrevistados foi estabelecida de modo voluntário por parte do estudante, com a condição que fosse um entrevistado anônimo, ou seja, não figurasse como pessoa pública. Diante da proposta do *Modelo Aberto de Narrativas Biográficas para o Jornalismo*, os alunos foram sensibilizados a apresentar uma sugestão de entrevistado à estagiária docente que apenas analisou, cabendo ao estudante a decisão de optar ou não por aquela narrativa biográfica. Ao longo do processo, em virtude das agendas dos narrados ou por opção do aluno, alguns entrevistados foram alterados, sendo substituído por outro. Um aspecto interessante apontado no percurso da pesquisa foi a escolha por submeter o método a familiares, principalmente de primeiro grau como pai ou mãe.

Dos 40 alunos, dez optaram por entrevistar algum anônimo com grau de parentesco. Do total de entrevistados, separados por gênero, 16 identificados como sendo do gênero masculino e 17 identificadas como do gênero feminino. Já se separados por ocupação, 11 estudantes, cinco donas de casa, cinco ocupantes de cargo público, aposentado ou político, cinco professores/educadores e sete em profissões liberais.

Com relação à idade, a idade mínima dos entrevistados foi 19 e a idade máxima 72 anos. As idades foram separadas de acordo com o estudo dos setênios de Gudrun Burkhard: 0 a 21 anos, a fase de formação; 22 a 42 anos, a fase de plenitude; e de 43 a 63 anos, o declínio biológico. Separamos ainda outra categoria para entrevistados com idade superior a 63 anos.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao percorrer o caminho da pesquisa-intervenção, auxiliados pelo método cartográfico, esperamos gerar nos alunos uma experiência vivencial despertada por esse tipo de metodologia. Dessa forma, o fim último não são os números de aplicação do *Modelo Aberto de Narrativas Biográficas para o Jornalismo*, mas a ressignificação dos discentes a respeito do processo de tessitura desse tipo de narrativa no jornalismo.

De toda forma, concluímos inicialmente que a permutação entre as identidades narrativas não é apenas uma marca textual, mas propriamente sensorial entre os pares que compõem o movimento dialógico da entrevista jornalística. Sobre a análise inicial da produção de dados salientamos aspectos relevantes como sendo essa a primeira narrativa biográfica feita por boa parte dos alunos, como também, a escolha de muitos deles por aplicar o modelo com familiares tornando a atividade muito mais complexa do que eles imaginavam. 

REFERÊNCIAS

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. 1995-1997. **Mil platôs**. Capitalismo e esquizofrenia. Rio de Janeiro: Editora 34, 1995.

ESCOSTEGUY, Ana Carolina. Narrativas pessoais midiaticizadas: uma proposta para o estudo de práticas orientadas pela mídia. **Famecos**: mídia, cultura e tecnologia, Porto Alegre, v. 18, n. 1, p. 198-211, jan./abr. 2011. Disponível em: <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/famecos/ojs/index.php/revistafamecos/article/view/File/8806/6170>>. Acesso em: 5 nov. 2017.

GOMES, Marcelo Bolshaw. Biografia e subjetividade. In: CONGRESSO INTERNACIONAL SOBRE PESQUISA (AUTO) BIOGRÁFICA, 3., 2008, Natal. **Anais...** Natal: UFRN, 2008. Disponível em: <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/bocc-gomes-entrevista.pdf>>. Acesso em: 10 fev. 2017.

LIMA, Kassandra Merielli Lopes. Os relatos pessoais da cidade: as micronarrativas de Humans of New York. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL IMAGENS DA CULTURA CULTURA DAS IMAGENS, 10., 2014, Recife. **Anais eletrônicos...** Recife: UFPE, 2014. Disponível em: <<http://anais.icci.edumatec.net/index.php/artigos/item/os-relatos-pessoais-da-cidade-as-micronarrativas-de-humans-of-new-york>>. Acesso em: 31 ago. 2017.

MAIA, Marta Regina. A história oral como recurso metodológico na entrevista jornalística. **Contracampo**, Rio de Janeiro, n. 15, p. 137-150, jul/dez. 2006. Disponível em: <<http://www.contracampo.uff.br/index.php/revista/article/viewFile/550/316>>. Acesso em: 31 ago. 2017.

MARTINEZ, Mônica. **A jornada do herói**: a estrutura narrativa mítica na construção de histórias de vida em jornalismo. São Paulo: Annablume, 2008.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. **Dos meios às mediações**: comunicação, cultura e hegemonia. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1997.

MEDINA, Cremilda de A. **Entrevista**: o diálogo possível. São Paulo: Ática, 2001.

PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Líliliana da. **Pistas do método da cartografia**: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade. Porto Alegre: Sulina, 2009.